



POSIÇÕES OCUPADAS POR PROFESSORAS NEGRAS NA PROFISSÃO DOCENTE

SILVA, Tiago Vargas da¹

Resumo

Este artigo trata dos marcadores sociais de gênero e de raça/etnia no contexto escolar, abordando relações estabelecidas entre professoras dentro da escola. O objetivo desta investigação é analisar narrativas de professoras afro-brasileiras sobre suas relações e práticas em âmbito escolar, observando que posições essas professoras ocupam. Os aportes teóricos elencados para sustentar essa pesquisa estão dentro dos campos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero. O instrumento metodológico utilizado para a produção do material de pesquisa foi a entrevista, essas entrevistas foram realizadas individualmente com cinco professoras afro-brasileiras, que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental e que são integrantes do Movimento Consciência Negra de Montenegro (RS). O exercício analítico empreendido sobre o material de pesquisa utilizou-se da análise do discurso, de perspectiva foucaultiana. A análise evidenciou dois enunciados: (a) um número reduzido de professoras negras ocupam cargos de chefia na profissão docente; (b) a relação que professoras não negras estabelecem com seus/suas colegas negros/as tem o atravessamento de gênero, sendo as professoras negras posicionadas em situação de inferioridade quanto à sua competência profissional.

Palavras-chave: Educação e Diversidade. Educação e Gênero. Relações de Gênero na escola. Relações Etnicorraciais na escola.

Introdução

1. Mestrando em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Professor de Matemática da Prefeitura Municipal de Montenegro. Email: tiagovargasdasilva@gmail.com.



No exercício da profissão docente há uma predominância do público feminino, sendo que, nas últimas décadas do século XX, este ofício chegou a ser considerado pela sociedade como “profissão de mulher”. Levando em conta essa premissa, este artigo apresenta um trabalho investigativo que trata dos marcadores sociais de gênero e de raça/etnia no contexto escolar, mais especificamente aborda as relações estabelecidas entre professoras dentro da escola, a partir da análise de narrativas de professoras afro-brasileiras que são membros do *Movimento Consciência Negra*, do município de Montenegro (RS). Com o apoio de ideias dos campos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, tem-se como objetivo analisar narrativas de professoras afro-brasileiras sobre suas relações e práticas em âmbito escolar, observando que posições essas professoras ocupam.

Os Estudos Culturais e Estudos de Gênero têm sido utilizados como aporte teórico em inúmeras pesquisas, por serem campos não homogêneos em que suas diversas perspectivas têm marcos conceituais não unos e não fixos. Mesmo assim, nesses campos, poucas pesquisas foram realizadas tendo como foco o entrecruzamento de “raça/etnia, gênero e profissão docente”.

Aportes Teórico-metodológicos

As ferramentas teóricas elencadas para sustentar essa pesquisa estão dentro dos campos do Estudos Culturais – que tem como compromisso examinar práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de, relações de poder – e do Estudos de Gênero – principalmente os estudos de Louro sobre “gênero, sexualidade e educação”.

O lócus da pesquisa foi o *Movimento Consciência Negra*, que se localiza no município de Montenegro, situada a 60 km da capital Porto Alegre (RS). Segundo dados do IBGE² (de 2010), o município tem uma população de 59.415 habitantes, onde, aproximadamente, 12% desses habitantes são afro-descendentes. O *Movimento Consciência Negra* foi formalmente constituído em janeiro de 1985 com o propósito de combater o preconceito, a discriminação e a exclusão a que são

2. Instituto de Bases Geográficas e Estatísticas (IBGE). Fonte: www.ibge.gov.br/cidadesat



submetidos os negros do município de Montenegro e, também, pressionar o poder público à promoção de políticas públicas voltadas aos negros da sociedade montenegrina.

Quando foi realizada a pesquisa, o *Movimento Consciência Negra* era composto por oito mulheres afro-brasileiras, sendo cinco professoras. Logo, pela temática desta pesquisa, os sujeitos que dela participaram são as cinco professoras afro-brasileiras, integrantes do *Movimento*, que caracterizo abaixo:

(a) Amanda³ leciona há mais de 30 anos, tendo como formação profissional o curso de Magistério e de Licenciatura em Pedagogia.

(b) Bruna leciona há mais de 30 anos, tendo como formação profissional o curso de Magistério, de Licenciatura em Pedagogia em Supervisão Escolar.

(c) Carla leciona há mais de 10 anos, tendo como formação profissional o curso de Licenciatura em Pedagogia (Séries Iniciais) e de Bacharelado em Psicologia.

(d) Débora leciona há mais de 20 anos, tendo como formação profissional o curso de Magistério e é graduanda do curso de Licenciatura em Biologia.

(e) Elisa leciona há mais ou menos 10 anos, tendo como formação profissional o curso de Magistério e é graduanda do curso de Bacharelado em Assistência Social.

O instrumento de investigação escolhido foi a entrevista. Portanto, foram realizadas entrevistas – que foram gravadas e posteriormente transcritas – com cada participante. O material de pesquisa foi analisado fazendo-se uso da análise do discurso, na perspectiva foucaultiana. Para Foucault, o entendimento de linguagem e suas noções de discurso e enunciado apontam para fragilidade dos laços que, aparentemente, conectam as palavras e as “coisas”. Sobre essa questão, Foucault (1972, p. 64) afirma:

[...] gostaria de mostrar [...] que, analisando os discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes das palavras e das coisas e separar-se um conjunto de regras próprias à prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos.

3. O nome das participantes da pesquisa, que se encontram neste artigo, são fictícios.



E, de acordo com Fischer (2001, p. 198),

Para analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault, precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas – práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um “discurso”.

Desse modo, primeiramente, tomei os ditos (o material de pesquisa) sem considerá-los verdadeiros ou falsos. Assim, entendo a “verdade” não através da oposição verdadeiro (certo) ou falso (errado). Entendo que a “verdade” é produzida, inventada, que “tudo veio a ser [e que] não há fatos eternos, assim como não há verdades absolutas” (NIETZSCHE, 1987, p. 48). Portanto, recuso a verdade absoluta, o sentido último das coisas e as explicações unívocas. O que me interessa é aquilo que as pessoas consideram como verdadeiro.

Em segundo lugar, foi necessário não buscar “sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso” (FOUCAULT, 1972, p. 39). Portanto, não trato “os discursos como conjuntos de signos (de elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (IBIDEM, p. 64), rejeitando as fáceis interpretações e o sentido oculto das coisas. O que busquei foi ater-me ao “efetivamente dito, apenas à inscrição do que foi dito” (DELEUZE, 1995, p. 26).

Segundo Deleuze (1995, p. 26), a análise do discurso, de Foucault, “se opõe às duas principais técnicas” tradicionais de analisar discursos. A “formalização” que destaca os “sobre-ditos” através da distinção lógica das proposições de uma mesma frase. E a “interpretação” que busca preencher lacunas nas frases destacando os “não-ditos”.

Assim, ao usar a análise do discurso, na perspectiva foucaultiana, tive a precaução de, no exercício analítico que empreendi sobre o material de pesquisa, não procurar “interpretá-lo, nem tanto determinar se ele diz a verdade [ou não] e qual é seu valor expressivo” ou manifesto (FOUCAULT, 1972, p. 13). Procurei, sim, identificar no material de pesquisa as recorrências sobre as relações e práticas dos professores negros na escola que pude “ver”. Entendendo que o que “vi” é apenas um olhar entre a multiplicidade de sentidos que se pode ver; e o que escrevi é



apenas uma possibilidade de escrita. Todavia, o exercício analítico empreendido sobre o material empírico possibilitou que emergissem enunciados, que a seguir discuto.

Analizando o material de pesquisa

Os excertos abaixo expressam que *um número reduzido de professoras negras ocupam cargos de supervisão, de orientação ou de direção – cargos da profissão docente vistos como os de chefia na escola:*

Carla: Eu nunca tive. Em 12 anos de profissão, eu nunca tive uma chefia negra. [...] Eu nem posso falar sobre essa relação porque eu não tive experiência nenhuma. [...] **Nenhum diretor negro, nenhum supervisor negro, nenhum orientador negro.** [grifos meus]

Elisa: **Conheci apenas duas diretoras negras: homem nenhum.** Minha experiência com ambas foi rápida. [...] [grifos meus]

Débora: Durante meus quase 24 anos na rede pública municipal, **nunca tive nenhuma chefia direta nem de mulheres negras, nem de homens negros. Somente tive uma supervisora negra** depois de estar trabalhando cerca de 16 anos. [grifos meus]

Amanda: Ao visitar várias escolas do município e região, durante o meu estágio, **só encontrei, em cargo de chefia, um docente negro.** [...] **Docente negra, nenhuma em cargo de direção, apenas na supervisão tive uma.** [grifos meus]

Bruna: [...] essa questão da hierarquia. Ela é muito sutil, mas ela existe. Essa questão de função, né? No meu caso, assim, eu sou mulher negra e sou supervisora da escola [...]

Pesquisador: Mas tu lembra algum fato que aconteceu? Que tu chegaste a...

Bruna: [...] **O que eu percebo muito nas minhas colegas é que elas fazem questão de citar o meu cargo.** Mas, como eu te disse, é uma coisa sutil. **Elas têm necessidade de dizer que eu exerço está função para que outras pessoas não pensem que eu não sou, que eu não exerça aquela função** [...] O que acontece, então. Na maioria das vezes, dentro do quadro de magistério, nós temos, assim, raros que são professores negros. A grande maioria está na função de serviços gerais, que seriam no caso de fazerem a limpeza ou a merenda da escola. Então, elas fazem questão de dizerem que eu sou a supervisora [...] [já] que eu sou uma pessoa negra, [...] outras pessoas possam pensar que eu não sou [supervisora] [...] Isso é uma coisa que está nas entrelinhas, quem sabe nessa questão do próprio preconceito [...]. [grifos meus]



Os excertos acima indicam que “*nenhum diretor negro, nenhum supervisor negro, nenhum orientador negro*” é o que comumente se encontra na maioria das escolas. Logo, percebe-se que, no contexto escolar, o marcador racial atravessa a “*questão da hierarquia*” profissional (postos de trabalho escolares) fazendo com que “*muito[s] dos colegas*” dos docentes negros que ocupam cargos de direção ou coordenação “*te[nham] necessidade de dizer*” que este docente negro “*exerc[e] esta função para que outras pessoas não pensem que*” ele “*não exerça essa função*”. Isso, talvez, pela “*questão do próprio preconceito*” racial, pois “*raros são os professores negros*”, sendo que “*a grande maioria está na função de serviços gerais*”.

Pesquisas estatísticas sobre o acesso dos negros a postos de trabalho também apontam para um número reduzido destes em cargos de direção. Dados do Instituto Ethos (2007), em pesquisa realizada em 2007, nas 500 maiores empresas do Brasil, indicam que a presença de negros nos postos de trabalho diminui quanto mais elevado for o nível hierárquico dos cargos. A porcentagem de negros, que é de 25,1% no quadro funcional, cai para 17,4% no quadro de supervisão e chega a somente 3,5% no de diretoria, sendo a participação dos negros menor que a das mulheres que ocupam 11,5% do quadro de diretoria – dos quais apenas 0,26% são negras. Dados do IBGE (de 2009), de uma pesquisa realizada em seis regiões metropolitanas, mostram que os negros são os que mais ocupam os postos de trabalho nas áreas da construção e dos serviços domésticos, ou seja, eles representam 43,8% da população ocupada, embora 59,6% das pessoas que trabalham na construção e 61,6% das pessoas que trabalham em postos que exercem atividades domésticas são negras. Com esses dados estatísticos fica visível o reduzido número de negros em cargos de direção e a posição dos negros a postos de trabalho considerados socialmente inferiores.

Em concordância, Valente (1991, p. 58), também tratando da inserção dos negros no mercado de trabalho, diz que, na sociedade brasileira “a cor é um critério importante de seleção de empregos que mantém os negros nas mais baixas posições de hierarquia social”. Contudo, entendo que o reduzido número de docentes negros que ocupam cargos de coordenação ou de direção não é simplesmente por questão dos negros terem menos estudo, como “muitas vezes se



ouve: 'Ah! Mas é porque eles não estudaram!'" (VALENTE, 1991, p. 31), até porque os sujeitos da profissão docente tem um nível escolar não muito díspar nas escolas onde atuam.

Outro enunciado que emergiu do exercício analítico foi que *a relação que professoras não negras estabelecem com seus/suas colegas negros/as tem o atravessamento de gênero, sendo as professoras negras posicionadas em situação de inferioridade quanto à sua competência profissional:*

Pesquisador: Há diferença no modo com que tu és tratada na escola em relação aos docentes não negros?

Débora: Sim, percebo que há uma diferença [...] Outra coisa que **percebo é que quando sou apresentada a um casal de pais que vai conhecer, o funcionamento da escola, é dado todo meu currículo. Tipo: é uma excelente educadora, tem curso disso e daquilo, atua há tantos anos na rede, as crianças adoram ela, e assim vai. Os educadores não negros são apresentados como, por exemplo, esta é a educadora do 1º Ano e pronto.** Esse tipo de tratamento venho percebendo desde o meu estágio no magistério, assim, desde sempre. Quando trabalhei numa escola particular, durante meu estágio, sofri uma assombrosa perseguição por parte da supervisora dessa escola. Além de mim havia cinco professores estagiários, quatro mulheres e um homem, porém eu era a única professora negra. [...] Numa certa ocasião, recebi a visita da supervisora de estágio que elogiou muito meus trabalhos, a supervisora da escola ficou injuriada e não mediu esforços para destruir minha imagem perante minha supervisora de estágio. [...] Estava sempre de olho em tudo que eu fazia. Se saía para rua estava saindo demais, se ficava em sala as crianças estavam muito presas, foi um terror. Meu colega professor nem os planos de aula entregava em tempo hábil e nunca foi lhe chamada a atenção, inclusive minhas colegas se irritavam com ele, estava sempre atrasado para tudo, quase nunca tinha planejamento e era tratado como educador modelo. [...] **[grifos meus]**

Carla: O que a gente nota, assim, nas escolas é um espanto. Por muitas vezes, a gente se vê em posições em que temos que reafirmar e eles tentam questionar: – “Como, é professora mesmo?” [...] Isso até, de alguma forma, **para algumas mães era assustador, elas questionavam muito: – “Mas, ela é professora mesmo?”. Como se eu não pudesse ser.** [...] **[grifos meus]**

Elisa: É claro que percebi que há diferença no tratamento, sim. Percebi isso **principalmente quando eu ia dar sugestão** na forma de como lidar, como tratar este ou aquele aluno. Assim, na forma de tratamento. Minhas sugestões não eram levadas em conta, o diretor chegava a dizer que eu era muito “mãezona” com as crianças, isso para não dizer que **não estava sendo profissional em minhas colocações.** [...] **Minhas opiniões tinham que ser sempre reafirmadas.** [...] **[grifos meus]**

Amanda: Nunca vivenciei, por não ter tido a oportunidade de trabalhar em escolas com docentes negros, na verdade, isso é uma raridade. Mulheres negras docentes são poucas, homens negros docentes são quase inexistentes. **Mas, na minha opinião, sincera, o homem leva vantagem em relação à mulher** [...] **Uma vez, ao visitar uma escola de ensino**



médio, observei o trabalho de um professor de educação física, negro. Era um professor excelente, amado por seus alunos e com tratamento vip na escola. Tinha autonomia e liberdade. Isso me chamou tanta atenção e nunca mais esqueci. São situações raras e lembro que cheguei a me questionar, tipo assim, será que ele teria tanta liberdade assim se fosse uma mulher negra? [grifos meus]

Débora: Na minha opinião, o docente negro é tratado de forma privilegiada em relação à docente negra. [...] Um fato marcante ocorreu na mesma escola em que fiz meu magistério. Foi trabalhar nesta escola um professor negro, professor de Filosofia. Era muito bem tratado, não houve perseguição por parte da supervisão. O tratamento destinado a ele era o oposto ao que tive no meu estágio [...]. [grifos meus]

Os excertos acima evidenciam que “o docente negro é tratado de forma privilegiada em relação à docente negra” pelos seus colegas não negros. Isso se evidencia pelo “tratamento vip”, “autonomia e liberdade” que docentes negros têm na escola. Tratamento que é o oposto ao destinado a docentes negras, que se sentem “inexistentes” ou sofrem “perseguição por parte da supervisão”, na escola. Portanto, “o docente negro é mais valorizado que a docente negra”. Elas muitas vezes são questionadas se realmente são professoras, suas “opiniões não são levadas em conta” e “quando são apresentadas a alguém é dado todo o seu currículo”. Essas ações põem em dúvida a competência profissional das docentes negras, posicionando-as como inferiores, pois sua competência profissional tem que “ser sempre reafirmada”. Assim, evidencia-se que a relação que os docentes não negros estabelecem com seus colegas negros, tem o atravessamento de gênero, sendo as docentes negras posicionadas em situação de inferioridade quanto à sua competência profissional.

Essa questão pode ser pensada a partir do que escreve Louro (1997, p. 43), quando mostra que os Estudos Feministas e os Estudos Culturais trabalham com o conceito de *identidades múltiplas*, ou seja, o entendimento de que os sujeitos têm “identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias”. No entanto, a concepção de identidade múltipla exige que se assuma que é nas relações entre os diferentes sujeitos que as desigualdades são produzidas e caracterizadas por diversos *marcadores sociais* – gênero, classe, sexualidade, aparência física, nacionalidade, raça/etnia etc. Deste modo, as desigualdades são evidenciadas “nos arranjos



sociais, na história, nas formas de representação” e deixam de ser vistas como sendo causas das diferenças biológicas dos sujeitos, pois o entendimento de que as desigualdades estão associadas ao biotipo dos sujeitos acaba por produzir os preconceitos e as formas de discriminação.

Sendo assim, a interligação do marcador etnicorracial com o marcador de gênero é o que faz com que as docentes negras tenham sempre que reafirmar sua competência profissional, enquanto docentes negros têm um tratamento respeitoso ou, ao menos, tolerante. Em outras palavras, elas sofrem de duplo preconceito – por serem negras e por serem mulheres. Esse duplo preconceito aprofunda as desigualdades e as posiciona de modo inferior aos demais sujeitos – os docentes negros e não negros e as docentes não negras. Cabe ressaltar que os diferentes marcadores – classe, raça/etnia, gênero, sexualidade – “não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’, porque a opressão de cada um está inscrito no interior do outro – é constituída pelo outro e constituinte do outro” (BRAH apud LOURO, 1997, p. 54). No entanto, “somar” os preconceitos seria um tanto simplista,

pois elas se combinam de formas especiais e particulares. Evidentemente, há histórias mais longas e dolorosas de opressão do que outras. Portanto, serão sempre as condições históricas específicas que nos permitirão compreender melhor, em cada sociedade específica, as relações de poder que estão implicadas nos processos [de discriminação] (LOURO, 1997, p. 52-53).

Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa evidenciaram que um número reduzido de professoras negras ocupam cargos de supervisão, de orientação ou de direção – cargos da profissão docente vistos como os de chefia na escola – e que a relação que professoras não negras estabelecem com seus/suas colegas negros/as tem o atravessamento de gênero, sendo as professoras negras posicionadas em situação de inferioridade quanto à sua competência profissional. Estes dois enunciados apontam que na profissão docente a ideologia do machismo também se faz presente, mesmo esta sendo uma profissão em que predomina o público feminino. Portanto, faz-se necessário olhar mais amplamente sobre esta profissão quando se



propõe pensar sobre a formação docente. Um olhar que não se restrinja a ação docente em suas propostas pedagógicas e nas relações entre professor-aluno e aluno-aluno, mas também que se direcione a relação entre os próprios professores.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223, Nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 83-96.

KNIJNIK, Gelsa. Educação matemática, exclusão social e política do conhecimento. **Bolema**, Rio Claro, SP, n. 16, p. 12-28, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

VALENTE, Ana Lúcia. **Ser negro no Brasil hoje**. 8. ed. São Paulo: Moderna, 1991. 64 p.